

A imprensa em língua estrangeira na França desde 1945: declínio ou renovação?¹

Géraldine Poels

Da Revolução Francesa até o fim dos anos 1930, Paris esteve no centro de um importante sistema de produção e circulação de jornais em línguas estrangeiras, como mostraram as pesquisas de Diana Cooper-Richet.² A imprensa em língua estrangeira se constitui em um barômetro que mede o nível de interesse que a cidade representa para intelectuais, militantes e artistas estrangeiros. A partir de um estudo dos títulos publicados em línguas estrangeiras na França, da Liberação até o final da Guerra Fria (1944-1989), gostaria de reunir elementos para responder à seguinte pergunta: a França da segunda metade do século XX é ainda o país de valores libertários e a pátria da “civilização do jornal”?³

Ao selecionar um período deliberadamente longo, proponho uma visão do fenômeno como um todo, baseada em estudos já amplos, porém, em geral, fragmentários. De fato, os trabalhos existentes tratam, em sua maior parte, de publicações de uma determinada comunidade – mais frequentemente exilados políticos de algum país específico. Deste modo, observa-se na bibliografia o predomínio esmagador de obras sobre a imprensa dos exilados republicanos espanhóis, feitas por pesquisadores na França e na Espanha. Também gostaria de chamar a atenção para certos fenômenos que, embora fascinantes do ponto de vista da história da imprensa, quase não foram estudados, porque não estão

¹ Tradução de Marília Garcia. Esta comunicação aborda a França como um todo, embora 70% dos títulos tenham sido publicados em Paris.

² Cf. COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et des cultures: édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIX^e siècle. *Histoire et Civilisation du Livre: revue internationale*, Paris: Droz, n. 5, p. 121-143, 2009; e COOPER-RICHET, Diana. Paris y los ambos mundos, une capitale au cœur du dispositif de production et de mise en circulation de livres et de journaux en espagnol au XIX^e siècle. *Cahiers des Amériques Latines*, Paris: IHEAL, n. 72-73, p. 201-220, 2013.

³ Para retomar o título de duas obras: GÉNÉRIQUES (Org.). *Presse et mémoire: France des étrangers, France des libérés*. Paris: Mémoires Génériques; Éditions ouvrières, 1990; e KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THERENTY, Marie-Ève (Org.). *La civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

no domínio das publicações consideradas políticas – chamarei a atenção do leitor especialmente para o dinamismo da imprensa relativa ao mundo árabe, mas também da imprensa religiosa.

I. UM PERÍODO DE DECLÍNIO? O DESAFIO DA GUERRA FRIA, AS OPORTUNIDADES DOS TRINTA GLORIOSOS

Nos trabalhos pioneiros dedicados à imprensa em língua estrangeira na França, a segunda metade do século XX representa um período de declínio, depois da idade de ouro que foi o entreguerras.⁴ Sem dúvida alguma, todo o conjunto da imprensa sofreu um abalo durante a guerra, com a ocupação e a escassez de papel. As produções que antes eram prósperas (tais como a imprensa em polonês, russo e italiano) assistiram ao desaparecimento de alguns de seus representantes: grandes revistas, de alta qualidade, e jornais que haviam sido suspensos durante a guerra não conseguiram reencontrar seu público. Para a imprensa em língua estrangeira e para o setor como um todo, a Segunda Guerra Mundial representou uma verdadeira ruptura, que acabou gerando uma intensa renovação no cenário editorial. Em seguida, ela enfrentou também a concorrência das mídias audiovisuais – mais intensamente a do rádio, que oferecia emissões em vários idiomas, e menos a da televisão, que era exclusivamente francófona até a chegada do satélite. O esplendor cultural e político vivido pela França viu-se interrompido durante os anos de guerra, e sua capital começou, a partir daí, a competir com outras metrópoles. Chegaram novas levas de refugiados da Europa Oriental no Reino Unido (Londres acolheu o governo polonês em exílio), nos Estados Unidos e na Alemanha Ocidental (que abrigou, em Munique, os apresentadores da Radio Free Europe).

Apesar de tudo, parece que mesmo depois de 1945 a cidade permaneceu sendo um refúgio para os exilados que continuavam se estabelecendo e criando jornais,⁵ alavancas fundamentais da luta política em um momento em que o acesso às mídias audiovisuais ainda era restrito. Entre 1946 e 1975, Paris foi a capital

⁴ Por exemplo, em *Presse et mémoire: France des étrangers, France des libertés*, o período depois de 1945 quase não é mencionado pelos autores.

⁵ A presença de militantes e ativistas é, a propósito, mais decisiva que a presença de uma importante comunidade linguística. Assim, nos anos que abrangem o período de estudo deste trabalho, encontramos somente algo em torno de 50 títulos

dos republicanos espanhóis e um destino privilegiado pelos latino-americanos que fugiam dos regimes ditatoriais vigentes nos anos 1960 e 1970. Além disso, a cidade demonstrou o seu apoio a dissidentes do bloco soviético. Ao lado da revista francesa *Preuves* (dirigida por Raymond Aron, de 1951 a 1974), surgiram algumas revistas em russo favoráveis ao ocidente (como a *Russkaya Mysl / La Pensée Russe*, desde 1947) ou em espanhol (os *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*, 1953-1965, depois *Nuevo Mundo*).⁶

Cabe assinalar que tais periódicos políticos se desenvolveram em um ambiente jurídico desfavorável, marcado por diversas restrições à liberdade de imprensa. Na prática, desde 1939 a lei francesa restringe para os estrangeiros o direito de associação⁷ e reforça o controle do governo sobre suas publicações, que podem ser proibidas a qualquer momento caso comecem a atrapalhar “a segurança e a ordem públicas”, ou a complicar as relações diplomáticas da França.⁸ Mais de 130 publicações em línguas estrangeiras foram vítimas dessas proibições entre 1950 e 1989. As associações e os jornais comunistas foram especialmente visados a partir de 1950. O diretor do *Sovietskij Patriot [Patriota soviético]* foi expulso em 1947. Dez jornais espanhóis foram proibidos no âmbito de uma operação da polícia em 1950 e depois, em 1961, foram obrigados a fechar os

em italiano (para um público leitor potencial que representa a maior comunidade de imigrantes na França, com quase 630.000 pessoas em 1962), enquanto que os chilenos, 100 vezes menos numerosos, editavam em torno de 20 títulos.

⁶ GLONDYS, Olga. La Guerra Fría cultural y el exilio republicano español. *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura* (1953-1965). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2013. Os jornais favoráveis à União Soviética foram minoria depois de 1950. É possível citar, em russo, *Russkie Novosti (As Notícias Russas, 1945-1970)* e, em armênio, *Achkhar* (1960-2012). (Cf. ŠLYČKOV, Leonid. N. P. Smirnov et les Russkie novosti. *Cahiers du Monde Russe*, Paris: EHESS, n. 38, v. 3, p. 415-428, 1997.)

⁷ Segundo o decreto-lei de 12 de abril de 1939 (abolido em 1981), a criação de uma associação estrangeira deveria ser submetida à autorização prévia do Ministro do Interior, que poderia ser retirada a qualquer momento. O *status* da associação deveria mencionar um objeto apolítico (mesmo que essa regra seja, com frequência, driblada.) Cf. DUFOIX, Stéphane. Conditions juridiques et politiques de l'exil d'après-guerre en France. *Matériaux pour l'Histoire de Notre Temps*, Nanterre: BDIC, n. 44, p. 55-58, 1996.

⁸ Decreto-lei de 6 de maio de 1939. O artigo 14 da lei sobre a imprensa de 1881 permitia, até a sua abolição em outubro de 2004, a interdição, pelo ministro do Interior, da circulação, distribuição e venda na França dos jornais ou escritos redigidos em língua estrangeira.

jornais da CNT (anarquista) e do PSOE (partido socialista).⁹ O jornal de tendência comunista da resistência polonesa, *Niepodległość* [*A Independência*], fundado em 1941, foi proibido oito vezes pelo governo, ressurgindo a cada vez com um novo nome, antes de seu desaparecimento definitivo em 1954.

Se, por um lado, a imprensa política parecia lidar com tantos obstáculos, por outro, se poderia supor que a imprensa em língua estrangeira se beneficiava com a chegada em massa de trabalhadores estrangeiros, atraídos pelo dinamismo econômico da França dos “Trinta Gloriosos” (1945-1974), e que se concentravam – fato novo – na região parisiense.¹⁰ Para essas comunidades, a imprensa tinha, de fato, um papel social e cultural indispensável, estabelecendo um laço entre os indivíduos e o país de origem, auxiliando na estruturação de grupos e redes de solidariedade. Porém, esses trabalhadores eram, às vezes, iletrados e, portanto, não eram leitores de jornal. Além disso, a imprensa sindical lutava contra a baixa taxa de sindicalização dos estrangeiros (e contra a hesitação dos sindicatos franceses com relação à mão de obra estrangeira).

Apesar desse contexto aparentemente desfavorável ao desenvolvimento da imprensa em língua estrangeira (em vista dos obstáculos jurídicos, da fragilidade do mercado e dos leitores), deve-se constatar que o setor não só resistiu, como também se desenvolveu. Um trabalho inicial de identificação, ainda inacabado, nos permitiu inventariar mais de 1.100 títulos publicados em 37 idiomas entre 1944 e 1989.¹¹ E se, por um lado, a maioria das publicações teve vida curta, impressiona, por outro, a longevidade, o prestígio e a repercussão internacional de algumas revistas que marcaram época, tais como a polonesa *Kultura* (1947-2000). É, de fato, lamentável a falta de conhecimento de uma produção em renovação constante.

A imprensa em línguas estrangeiras deveria ser considerada parte integrante da imprensa francesa, cujo dinamismo ela alimenta, e ainda mais pelo fato de os

⁹ Cf. GUIXÉ, Jordi. *Persécutations d'exil. La répression politique des républicains espagnols en France (1937-1961)*. *Relations Internationales*, Paris: PUF, n. 142, v. 2, p. 71-86, 2010.

¹⁰ Depois de 1974, quando o crescimento desacelera e a população estrangeira diminui na França (em 3,6%), ela aumenta em Paris (em 2,8%, números de 1982 a 1990). Até os dias de hoje, o índice da população estrangeira em Paris é bem superior à média nacional: em 2006, contava-se 15% de estrangeiros em Paris, contra 5% para a França.

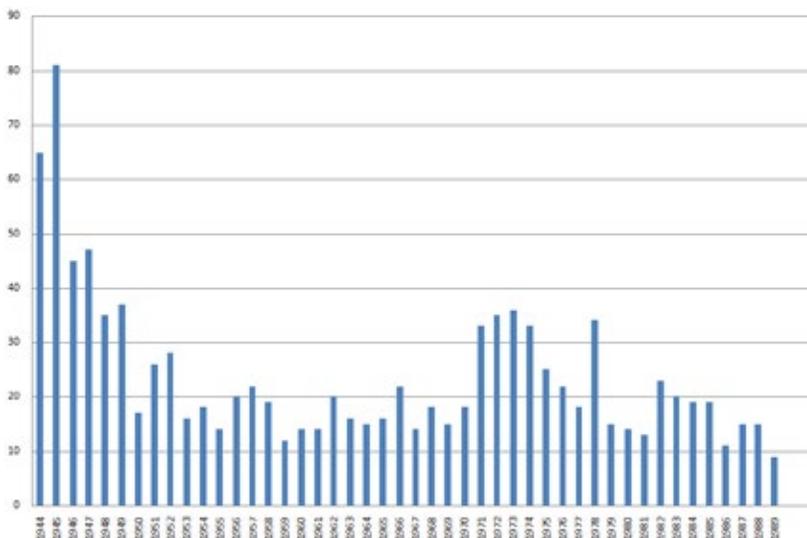
¹¹ Baseando-me nos catálogos das bibliotecas e de centros de arquivos franceses e estrangeiros, e na apuração de diversos pesquisadores, constituí uma base de dados que identifica os jornais publicados na França metropolitana entre 1944 e 1990, em línguas estrangeiras (ou bilíngues francês – outra língua).

dois “setores” estarem muito ligados. Assim, os jornalistas franceses já tinham tido várias oportunidades de serem solidários com seus colegas estrangeiros. Em 1961, as redações dos periódicos espanhóis proibidos foram acolhidas pelos jornais franceses, que abriram as colunas para artigos em espanhol ou serviram de testa de ferro: o *CNT* pelo jornal *Espoir*, que se torna *Espoir-CNT*, o *Solidariedad Obrera* pelo *Le Combat Syndicaliste* (que passa a ser bilíngue) e o *El Socialista* pelo *Le Socialiste* (publicação oficialmente francesa mas cuja redação a partir de então foi garantida pelo PSOE). Foi o jornal comunista *L’Humanité* que permitiu o surgimento da grande revista chilena *Araucaria*.

2. PERSPECTIVA CRONOLÓGICA: DOIS PERÍODOS DE EFERVESCÊNCIA, UMA RENOVAÇÃO CONTÍNUA

O registro da quantidade de publicações criadas por ano permite isolar dois pontos altos, um logo depois da Liberação e o outro, mais modesto, na primeira metade dos anos 1970.

GRÁFICO 1 - QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS CRIADAS POR ANO NA FRANÇA (1944-1989) (APURAÇÃO PROVISÓRIA).



2.1 – 1944-1949: a renovação no período da Liberação

A imprensa em língua estrangeira atuou no período de efervescência e renovação da imprensa francesa na esteira da Liberação, no qual se observou uma excepcional proliferação de títulos. Primeiramente, alguns grandes jornais de antes da guerra ressurgiram, depois de terem tido suas edições interrompidas: o *Daily Mail*, o *New York Herald*, *Narodowiec*, *Undzer Shtime*, *Naïe Presse* e *Haratch*. Em segundo lugar, havia os jornais temporários que apoiavam a Liberação: boletins, às vezes locais, feitos por grupos de resistentes (sobretudo os poloneses) ou endereçados aos soldados dos exércitos estrangeiros (como o jornal diário *Stars and Stripes*, o semanal *Yank* e o mensal *The American Legion*). A terceira categoria, a dos jornais dos exilados, é a mais importante. Os republicanos espanhóis foram os que publicaram mais títulos (em 1945, circulam 144), apoiando a instalação do governo e os diferentes partidos exilados em Paris em fevereiro de 1946.¹² Ao lado dos espanhóis, os exilados dos países do Leste publicaram jornais em russo (tal como o periódico mensal do exarcado ortodoxo russo, 1946), depois em romeno, tcheco, húngaro etc. Contudo, desde o fim dos anos 1940, as perseguições do governo, já citadas aqui, e as dificuldades financeiras explicam o desaparecimento de muitas dessas publicações.

2.2 – 1971-1974: na efervescência da imprensa alternativa

A primeira metade dos anos 1970 assistiu ao surgimento de novas publicações: mais de 130 novos periódicos foram criados entre 1971 e 1974. De fato, os estrangeiros atuaram plenamente na efervescência da imprensa “alternativa” que marcou esses anos – ainda que suas publicações fossem mais políticas (revolucionárias) do que contraculturais.¹³ Os portugueses (que se tornaram, em 1975, a comunidade estrangeira mais importante na França) dominaram, então, o cenário editorial: em 1973 eles lançaram pelo menos 24 novas publicações, o que elevou o número de títulos em português publicados na França naquele

¹² Cf. DREYFUS-ARMAND, Geneviève. *L'exil des républicains espagnols en France: de la Guerre Civile à la mort de Franco*. Paris: Albin Michel, 1999.

¹³ Cf. MARTIN, Laurent. La “nouvelle presse” en France dans les années 1970 ou la réussite par l'échec. *Vingtième Siècle: revue d'histoire*, Paris: Presses de Sciences Po, n. 98, v. 2, p. 57-69, 2008.

ano para 55.¹⁴ Victor Pereira mostrou que o estudo da imprensa em português deixa claro o processo de radicalização vivido pelos exilados políticos do fim dos anos de 1950 até 1974 e também o desinteresse deles pelo Partido Comunista Português (PCP) em favor dos diferentes grupos de extrema esquerda.¹⁵ Ao lado da imprensa ligada aos comunistas (o mensal *O Imigrado Português*) e de outra destinada a ou feita pelos trabalhadores (*O Salto*), os desertores e opositores publicavam diversos boletins denunciando as guerras coloniais (*Guerra Colonial* em 1968, *Lutte Anti-coloniale* em 1971, *Luta/Lutte* em 1972, *Boletim do Comitê de Apoio aos Desertores Portugueses em França* em 1973, *A voz do Desertor* em 1973). Jovens anticolonialistas, organizados em pequenos grupos de inspiração maoista, colaboraram para a proliferação de folhas modestas e efêmeras, editadas pela juventude francesa na esteira de maio de 68.

Além disso, na primeira metade dos anos 1970 surgiram as publicações de movimentos de imigrantes magrebinos que se organizaram contra a circular conhecida como Marcellin-Fontanet, de 1972,¹⁶ e em apoio às lutas árabes. O Movimento dos Trabalhadores Árabes (MTA) publicou *Al-Assifa* [*A Tempestade*, 1972-1975], fundado por trabalhadores e estudantes do Comitê Palestina, em apoio ao povo palestino. Outros movimentos se organizaram em torno da ideia de uma base nacional: em fevereiro de 1974, em Paris, foi criada a União dos Trabalhadores Imigrantes Tunisianos (UTIT), vindos da esquerda radical tunisiana, que passou a publicar o boletim informativo *El Ittihad* (1974-1986). Porém, cabe assinalar que geralmente essas publicações, destinadas aos imigrantes instalados por um período indefinido na França, foram levadas a abandonar o árabe em favor do francês (assim, a partir de 1974 *Al-Assifa* passou a ser publicado em francês; depois, os militantes do MTA fundaram o jornal *Sans-Frontière*).

¹⁴ PEREIRA, Ana Cristina Climaco. *La presse de l'émigration politique portugaise, analyse du journal O Salto 1970-1974*. Paris, 1992. Monografia de conclusão de curso (Faculdade de História) – Universidade Paris VII.

¹⁵ Como a FAP (Frente de Ação Popular) e o CMLP (Comitê marxista-leninista popular). Cf. PEREIRA, Victor. *L'engagement des exilés politiques portugais en France de 1958 à 1974*. *Latitudes*, Paris: Association Cahiers Lusophones, n. 11, p. 11-17, 2001.

¹⁶ As circulares Marcellin-Fontanet condicionavam a autorização de residência à obtenção de um contrato de trabalho e de uma “moradia decente”. Esses textos põem fim aos procedimentos de regularização e constituem o início de um controle, por parte do poder público, do fluxo migratório.

2.3 – 1975-1989: novas levas de exilados e desenvolvimento da imprensa comercial

Enquanto a crise assolava a economia e, com ela, a grande imprensa francesa, o setor da imprensa em língua estrangeira continuava sendo alimentado por diferentes levas de exilados.

Os anos de 1974 a 1976 corresponderam a um período de turbulências, durante o qual dezenas de publicações desapareceram. Os processos de democratização iniciados em Portugal (depois da “Revolução dos Cravos”, em abril de 1974) e na Espanha (depois da morte de Franco, em novembro de 1975) possibilitaram aos exilados de longa data o retorno para casa; enquanto isso, a crise econômica, acompanhada de transformações políticas restritivas em matéria de imigração,¹⁷ tornava a França menos atrativa para os trabalhadores. Em 1979, a Confederação Geral do Trabalho (CGT) pôs fim às suas publicações em língua estrangeira, substituindo-as por um jornal mensal francófono, *La Tribune*. Nas comunidades estabelecidas no entreguerras, como as de poloneses e russos, o uso da língua se perdeu no processo de assimilação das novas gerações. Apesar disso, a imprensa em língua estrangeira estava longe de desaparecer e passava por uma renovação contínua. Em seu aspecto material, ocorreu uma transformação com a chegada de jornais com mais recursos (na tiragem e projeção) e mais sólidos (foram criados vários jornais com periodicidade diária). Com efeito, os anos 1980 constituíram o segundo apogeu da imprensa arabófona parisiense (depois do apogeu do século XIX) e surgiram os principais periódicos da imprensa chinesa na França.

A segunda metade dos anos 1970 foi marcada pelo crescimento da imprensa chilena, que, apesar de ser produzida por uma pequena comunidade (entre 7 e 9 mil chilenos se refugiaram na França), teve uma grande repercussão.¹⁸ Sua principal função foi servir como um meio de trocas culturais e políticas entre a França e a América Latina. Essa última se tornou um espaço de referência para os movimentos de esquerda e passou a chamar a atenção, através de seus escritores exilados, como o Novo Mundo literário. A propósito, falta um estudo justamente sobre a rede de colaborações criada entre os intelectuais em exílio, os

¹⁷ 58.000 trabalhadores e 90.000 pessoas no total, das quais uma grande maioria de espanhóis e portugueses, se beneficiaram da ajuda para retorno voluntário e deixaram a França entre 1977 e 1981.

¹⁸ Cf. ROLLAND, Denis; TOUZALIN, Marie-Hélène. Un miroir déformant? Les Latino-Américains à Paris depuis 1945. In: MARÈS, Antoine; MILZA, Pierre (Org.). *Le Paris des étrangers depuis 1945*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1994. p. 263-292.

jornais hispanófonos e os jornais francófonos, que busque entender melhor as modalidades de circulação. Por outro lado, os brasileiros (entre 1.000 e 1.500 refugiados) e argentinos (entre 2.000 e 2.500 pessoas) que fugiram de suas ditaduras marcaram bem pouco o cenário editorial francês: menos numerosos que os chilenos, suas publicações, sobretudo em francês, tinham o propósito de alertar a comunidade internacional sobre as violações aos direitos do homem em seus países.¹⁹

O maior fenômeno desse período foi a chegada, a partir de 1975, de jornalistas libaneses fugindo da guerra civil. Com mais de 30 títulos publicados no começo dos anos 1980, eles fizeram de Paris a nova capital da imprensa árabe. Essa imprensa visava menos a comunidade franco-libanesa do que o mercado arabófono externo: a maior parte das vendas era feita fora da França.²⁰ O título mais importante, o periódico semanal *Al-Watan Al-Arabi* [*A Pátria Árabe*, 1977-2005], tinha, nessa época, uma tiragem de mais de 100.000 exemplares. A projeção internacional dessas publicações transformou-as em excelentes instrumentos para alguns governos (iraquiano, libanês, sírio...) que compravam o seu apoio em troca de subvenções, como, por exemplo, para os serviços publicitários que visavam os mercados árabes – esses jornais também se esforçavam para se manter verdadeiramente independentes. Apesar disso, eles devolveram a Paris, durante uma década, o papel central de produtor e difusor internacional da imprensa que a cidade não ocupava mais desde o começo do século XX. Se as revistas ilustradas de variedades predominavam, encontramos também jornais especializados (em economia – *Al Bunuk* –, moda, medicina, setor bancário ou turismo... e até um jornal semanal satírico, *Al-Mouharer*).

Por fim, há outras diásporas e comunidades de refugiados na França que editaram publicações de menor projeção; eles garantiram, contudo, a continui-

¹⁹ CHIRIO, Maud; FRANCO, Marina. Révolutionnaires, résistants humanistes, victimes de la terreur d'État? Les mutations des identités politiques des exilés brésiliens et argentins en France (1960-1980). In: GALLORO, Piero (Org.). *Lexil des sud-américains en Europe francophone*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2011. p.163-184.

²⁰ Cf. ABDULKARIM, Amir. La presse libanaise exilée à Paris. *Hommes et Migrations*, Paris: Cité Nationale de l'Histoire de l'Immigration, n. 1.162, p. 80-85, 1993.

dade da imprensa em língua estrangeira nos anos 1980: os vietnamitas,²¹ desde 1975, os iranianos,²² sobretudo entre 1979 e 1986, ou ainda a última leva de dissidentes antissoviéticos, a de poloneses do movimento Solidarnosc,²³ a partir de 1982.

Nosso período de estudo acaba em um momento de transição, ao final dos anos 1980, marcado pelo término das grandes ditaduras, que acarretaram o desaparecimento de muitas publicações antissoviéticas (e também as chilenas). Depois começou a Guerra do Golfo, que enfraqueceu muitas publicações da imprensa arabófona (amplamente financiada pelos países envolvidos no conflito). Nesse momento, desenvolveu-se também a imprensa gratuita, voltada para certas comunidades instaladas na cidade ou para os turistas.

3. TIPOLOGIAS E FORMATOS

No que diz respeito à imprensa francesa como um todo, a segunda metade do século XX foi marcada pelo declínio da imprensa política de periodicidade diária e pelo desenvolvimento de uma grande imprensa não diária comercial.²⁴ O fato de as publicações em línguas estrangeiras serem ignoradas nos grandes resumos históricos sobre o assunto poderia ser explicado pelo seu lugar de imprensa marginal, sem recursos financeiros, militante ou local. Porém, isso não corresponde à realidade, como mostra a diversidade de gêneros e formatos levantados em nossas pesquisas.

A imprensa de “informação geral”, diária ou não, mostrou-se independente e politicamente neutra. Alguns títulos correspondiam à edição internacional de

²¹ O censo geral da população francesa de 1990 aponta a presença de 72.178 vietnamitas, um número que outras fontes julgam ser subestimado. A imprensa em vietnamita, como a de outras línguas da península indochinesa, é ainda pouco conhecida. Ao lado de periódicos mensais importantes (*Doan ket* [Solidariedade], 1968-2011, *Quê Me* [Terra Natal], 1976-2000, ou *Thông luận* [Debates], 1988-2011), existem centenas de boletins de associações e comunidades religiosas.

²² A comunidade iraniana na França contava oficialmente com 5.944 pessoas na época da revolução de 1979 e 22.484 em 1985.

²³ Cf. BOUVARD-FURMAN, Marie. La presse du mouvement Solidarnosc en France. In: BEAUVOIS, Daniel (Org.). *La presse polonaise en France: 1918-1984*. Villeneuve-d'Ascq: Universidade de Lille III, 1988. p. 225-238.

²⁴ MARTIN, Laurent. *La presse écrite en France au XX^e siècle*. Paris: Librairie Générale Française, 2005.

títulos estrangeiros e buscavam uma difusão para além das fronteiras francesas: o *International Herald Tribune*, que teve um papel pioneiro na inovação técnica desde 1887,²⁵ o periódico semanal árabe *An Nahar* (1977-1988, cujas tiragens ultrapassam os 90.000 exemplares) ou os diários chineses *Ouzhou Ribao* (*Jornal da Europa*, editado por um forte grupo de imprensa taiwanês, 1982-2009), *Ouzhou Shibao* (*Notícias da Europa*, desde 1982) e *Renmin Ribao* (edição estrangeira do *Diário do Povo*, órgão de imprensa oficial do Comitê Central do Partido Comunista Chinês, desde 1985). Havia outros endereçados ao público leitor imigrante na França, como o *Pariser Kurier* (em alemão), *Naïe Presse* (em iídiche) ou *Narodowiec* (em polonês). Além das notícias, eles disponibilizavam muitas informações práticas e traziam seções habituais nos periódicos: classificados e anúncios publicitários, notícias das manifestações culturais e esportivas, tirinhas, seções da vida cotidiana (culinária...), crítica cinematográfica, folhetins... Esse último tipo de publicação parece ter testemunhado um inevitável esfacelamento do seu público leitor, fato ligado à perda da prática da língua: assim, muitos periódicos desapareceram desde o fim dos anos 1980 (ainda que o *Haratch* tenha mantido seu ritmo diário até 2009).

Quase todas as publicações fizeram parte da imprensa militante e foram coordenadas por indivíduos, movimentos e partidos políticos ou sindicatos. De um ponto de vista formal, essa imprensa reunia os formatos mais diversos, dos mais profissionais aos mais artesanais. Alguns títulos, datilografados e copiados,²⁶ e até manuscritos, traziam todas as características da imprensa clandestina. Outros cultivavam uma estética próxima da *free press*, da contracultura (ver *Al Mouharir*, 1987-1995), cujo modelo é o *Canard enchaîné*, ou ainda *Zero* (1973-1976, em inglês). Outros, enfim, adotavam os códigos da grande imprensa, como fizeram os anarquistas espanhóis; cabe observar a aparência bastante profissional dos jornais publicados por esse movimento, que se beneficiavam do apoio das grandes gráficas em Toulouse e na região parisiense.

²⁵ Em 1967, o *New York Herald Tribune*, recuperado pelo *Washington Post* e pelo *New York Times*, passou a se chamar *International Herald Tribune*. Em 1974, ele foi pioneiro na transmissão de páginas inteiras do jornal em fac-símile, para serem impressas em lugares descentralizados, como Londres e Zurique. Cf. ROBERTSON, Charles. *The International Herald Tribune: the first hundred years*. New York: Columbia University Press, 1987.

²⁶ Em francês o termo “roneoter” é usado em referência a esses textos, indicando que eles foram copiados numa máquina designada Roneo, que fazia cópias de textos datilografados e desenhos pelo processo de estêncil. (Nota da tradutora.)

A questão dos financiamentos foi, desde sempre, um problema recorrente para essa imprensa. Com algumas exceções (como *El Socialista*, 1944-1973), a maior parte dos jornais políticos vivia de assinaturas e não era vendida em bancas de jornal. A ajuda voluntária costumava ser a regra dentro das redações desse tipo. Cabe também assinalar a importância dos financiamentos de fora: alguns títulos contavam com apoio de exilados ricos, de outras organizações não governamentais, e eram às vezes financiados pela CIA, como o “Comitê pela Europa livre”, que apoiava os jornais dos dissidentes antissoviéticos (*Svedectvi, Irodalmi, Usag, Magyar Muhely...*).

Essa imprensa trouxe muitos elementos para o estudo da circulação dos modelos e das culturas políticas. Observe-se, por exemplo, que ocorreu uma globalização da iconografia da luta, pois encontramos na maior parte desses jornais – independentemente da língua e do grau de profissionalismo adotados – os símbolos da mão erguida ou do “grito” (o rosto com a boca aberta, mostrando o gesto de tomar a palavra). Além disso, na categoria “militante”, a imprensa sindical parece ter sido bem pouco estudada, embora as publicações da CGT já tenham sido, em parte, digitalizadas.²⁷

No centro da imprensa em língua estrangeira, a imprensa religiosa ocupa um lugar tão subestimado quanto importante, se levarmos em conta a quantidade de publicações e a longevidade de algumas delas até os dias de hoje. Graças ao apoio financeiro das igrejas de outros países e à presença de gráficas sustentadas por comunidades religiosas (e com mão de obra voluntária), alguns grupos conseguiram editar jornais de alta qualidade. Seria interessante um estudo mais preciso sobre o modo como esses jornais negociaram seus posicionamentos, em um contexto de agitação para a Igreja Católica (pelo Concílio do Vaticano II) e de Guerra Fria.

As instituições ortodoxas (o exarcado, as paróquias da região parisiense, os movimentos escoteiros e a associação da juventude ortodoxa ACER-MJO²⁸) publicaram diversos títulos russófonos (*Vestnik*, 1946-1989, *Večnæ*, 1948-1988) ao

²⁷ Ver o portal na internet da associação Generiques, “Odysséo”: <<http://odysseo.generiques.org>>.

²⁸ A “Ação Cristã dos Estudantes Russos – Movimento da Juventude Ortodoxa” teve origem nos círculos de estudantes cristãos criados na Rússia e federados em 1913. Depois da Segunda Guerra Mundial, suas atividades se concentraram em Paris, sede do movimento.

lado de títulos francófonos. A imprensa católica polonesa passou por um verdadeiro renascimento depois da Liberação, apesar de seu público leitor potencial ter se fragilizado.²⁹ A Igreja polonesa, contando com suas próprias máquinas tipográficas,³⁰ lançou novos títulos, jornais semanais bem acabados que completaram o grande número de boletins paroquiais mais artesanais. Nos anos 1950, o *Polska Wierna* [*A Polônia Fiel*, 1945-1959] imprimiu de 7 a 10.000 exemplares, modelo seguido pelo *Głos Katolicki* [*A Voz Católica*, 1958-1971, semanal]) e pelo *Nasza Rodzina* [*Nossa Família*, 1944-1999, mensal], com seus 20.000 exemplares. Os russos e os poloneses foram os únicos que publicaram, em sua própria língua, periódicos voltados especificamente para os jovens. Publicado em Pas-de-Calais, *Rycerzyk* [*O Pequeno Cruzado*, 1944-1959, mensal] alcançou os 10.000 exemplares até meados dos anos de 1950.

A imprensa em italiano, bastante fragilizada pela guerra, sobreviveu apenas graças à imprensa católica, que relançou algumas publicações semanais.³¹ Como o *Corriere* havia sido proibido pelas autoridades francesas em 1944, as missões italianas passaram a publicar, a partir de 1947, um novo título, *L'Eco Missionario* (tornado depois *Eco d'Italia*), que se estabeleceu rapidamente em Marselha, ao lado dos periódicos mensais locais. A partir de 1974, o *Nuovi Orizzonti Emigrazione* o substituiu e passou a circular em toda a Europa (9 a 10.000 exemplares). Assim como os periódicos poloneses, esses jornais misturavam assuntos propriamente religiosos (notícias da Igreja do país de origem, catequismo, liturgia...), seções que buscavam ajudar os imigrantes em sua vida cotidiana e seções de entretenimento.

Por último, havia uma imprensa católica em português, editada a partir de 1965 pelos progressistas críticos ao regime salazarista. Ela se apoiava, sobretudo, no SITI (Serviço Interdiocesano de Trabalhadores Imigrantes), movi-

²⁹ Cf. DZWONKOWSKI, Roman. La presse catholique polonaise en France dans les années 1923-1983. In: BEAUVOIS, Daniel (Org.). *La presse polonaise en France*, p. 61-86.

³⁰ No Norte da França (em Lens e Lille), em Paris, na região parisiense, com as gráficas dos Missionários Oblatos, em La Ferté-sous-Jouarre, e dos Padres Palotinos, em Osny.

³¹ Cf. SIMEONI, Antonio. *La stampa delle missioni cattoliche italiane in Europa dal 1900 fino ai nostri giorni*. Disponível em: <www.chiesacattolica.it/ci_new_v3/allegati/11205/Fisc%20Piacenza.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2015; e TASSELLO, Giovanni. *La stampa cattolica di emigrazione in Europa*. *Studi Emigrazione*, Roma: CSER, n. 175, p. 623-652, 2009.

mento operário fundado em 1964 pela arquidiocese de Paris, que publicava a revista semanal *Presença Portuguesa*³² (10.000 exemplares em 1970). Desse modo, no momento atual foi possível fazer um levantamento de 80 títulos ligados à imprensa religiosa, principalmente cristã (ainda que tenham sido encontrados também alguns títulos muçulmanos), que despertaram apenas um leve interesse historiográfico e quase não foram pesquisados.

Ocorreu algo bem diferente com outra categoria, considerada a mais prestigiosa em meio à imprensa em língua estrangeira, a saber, a das revistas culturais, literárias e artísticas (que, na medida em que costumavam ser editadas por intelectuais exilados, defendendo uma concepção da cultura como uma forma de resistência e de combate, faziam parte também da imprensa politizada). As revistas espanholas, meios cruciais de divulgação da “cultura de exílio”,³³ foram objeto de estudo de várias monografias: podem-se citar as publicações *Universo* (Toulouse, 1946-1952), *Cenit* (Paris, 1951-1995) e *Umbral* (Paris, 1954-1970), ou ainda as revistas em catalão *Foc Nou*³⁴ (1944-1947) e, sobretudo, *Vida Nova*³⁵ (1954-1978). Da mesma maneira, a principal porta-voz dos exilados chilenos foi uma revista cultural pluridisciplinar, *Araucaria de Chile*³⁶ (trimestral, 1977-1989). Segundo Nicolas Prognon, “ao ampliar o trabalho de publicação realizado pela Unidade Popular, os exilados chilenos instalaram na França uma verdadeira guerrilha do espírito [...]. Essa atividade subestimada, abundante e disseminada

³² Cf. VOLOVITCH-TAVARES, Marie-Christine. L'Église de France et l'accueil des immigrés portugais (1960-1975). *Le Mouvement Social*, Paris: La Découverte, n. 188-3, p. 89-102, 1999; CRUZ, Alfredo da. *Présence portugaise: l'immigration portugaise vue à travers un journal de l'Église Catholique de France*. Paris, 1996. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História, Universidade Paris I.

³³ DREYFUS-ARMAND, Geneviève. Les cultures de l'exil espagnol en France, 1939-1975: de la sauvegarde de l'identité à l'ouverture. In: VIGIL, Alicia Alted; SOLER, Manuel Aznar (Org.). *Literatura y cultura del exilio español de 1939 en Francia*. Sant Cugat del Valles: AEMIC/GEXEL, 1998. p. 54-56.

³⁴ HUESCA, Maria Llobart. La revue *Foc Nou*. In: CANALC, Jordi; CHARLON, Anne; PIGENET, Phyrné (Org.). *Les exils catalans en France*. Paris: Presses Paris Sorbonne, 2005. p. 319-330.

³⁵ HUESCA, Maria Llobart. Prensa, exilio y compromiso: el ejemplo de la revista *Vida Nova* (1954-1978). *PILAR – Prensa, impresos, lectura en el mundo hispánico contemporáneo: homenaje a Jean-François Botrel*, Paris: PILAR, p. 463-474, 2005.

³⁶ Cf. CARIZ, Melina. *Araucaria de Chile. Hommes et Migrations*, Paris: Cité Nationale de l'Histoire de l'Immigration, n. 1305, p. 152-155, 2014.

da diáspora chilena constitui um dos momentos mais ricos dessa longa história que liga a França e a literatura chilena.³⁷ As páginas de *Araucaria* traziam tanto obras criativas (narrativa, poesia, teatro) quanto trabalhos de análise e de crítica. Entre os seus colaboradores, estavam os mais prestigiosos escritores latino-americanos, como o colombiano Gabriel García Márquez, o argentino Julio Cortazar ou o mexicano Rafael Carlos Fuentes. Caberia citar ainda, nos anos 1950, as revistas literárias norte-americanas (*New Story*, *Merlin*) que publicavam escritores como Henry Miller e Ray Bradbury – ainda que a prestigiosa *Paris Review* tenha se isolado em Nova York em 1971.

Esse tipo de revista alcançou seu apogeu nos anos 1970, que constituiu uma nova “*belle époque* das revistas”.³⁸ Entre as comunidades dos países da Europa do Leste, o modelo foi o da revista em polonês *Kultura*³⁹ (1947-2000). Publicação da oposição democrática (mas menos conservadora que o governo exilado em Londres), ela teve um importante papel na difusão dos trabalhos sobre a história e a cultura polonesas e de obras literárias. Seu prestígio e sua difusão serviram de referência para outros títulos como *Russkaja Mysl*⁴⁰ (*O Pensamento Russo*, desde 1947) ou *Svědectví* (*Testemunho*, em tcheco, 1960-1990).

Essas revistas podem ser consideradas transnacionais em diversos aspectos: pela composição da redação, pelo modo de difusão, pela própria organização. Já mencionamos a diversidade de colaboradores da *Araucaria*, de autores que não eram exclusivamente chilenos. Espalhados por mais de 50 países, os leitores da revista também testemunhavam o processo de internacionalização da literatura hispanófono. Por último, a sede de redação da *Araucaria* se encontrava em

³⁷ PROGNON, Nicolas. La culture chilienne en exil, en France, une forme de résistance à la Junte (1973-1994). *Pandora*, Saint-Denis: Universidade Paris-VIII, n. 8, p. 205-220, 2008. Ver também as revistas *Canto Libre* (1976-1979) e *Ventanal* (1980-1988).

³⁸ PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE, Michel; MOLLIER, Jean-Yves (Org.). *La Belle Époque des revues*, 1880-1914. Paris: Éditions de l'Imec, 2002.

³⁹ Cf. MELLER, Stefan; MONTBRIAL, Thierry de (Org.). *Mémoires d'un combat: Kultura*, 1947-2000. Paris: Institut Français des Relations Internationales, 2001. KALINOWSKI, Wojtek. Les Intellectuels polonais en exil, *Kultura*, 1947-2000. In: BAFOLL, François. *La Pologne*, Paris: Fayard, 2007.

⁴⁰ WEISS, Claudia. Zwischen gestern und morgen. Die Pariser Wochenzeitung *Russkaja mysl'* auf der Suche nach neuen Wegen. *Osteuropa*, Berlin: Deutschen Gesellschaft für Osteuropakunde, n.48, p. 622-628, 1998.

Paris, mas seu diretor morava, no momento de fundação da revista, em Moscou, com o Partido Comunista chileno, e a impressão e difusão da revista eram organizadas a partir de Madri. Do mesmo modo, o comitê de redação da *Magyar Füzetek* (*Cadernos Húngaros*, 1978-1988) contava com representantes em Paris, Budapeste, mas também em Londres, Genebra, América do Norte... Algumas revistas acabavam se libertando da referência a uma comunidade nacional (o exílio espanhol ou chileno) para se referir a um universo linguístico mais amplo. Assim, *Libre: revista crítica trimestral del mundo de habla española*⁴¹ (1971-1972) era publicada em Paris para ser distribuída no mundo hispanófono, sobretudo latino-americano, bem como os *Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura*.

Essas publicações se diferenciavam também por seu aspecto luxuoso, pela diagramação de alto nível e pelas ilustrações, graças à colaboração de grandes artistas. Os *Cuadernos de Ruedo Iberico*⁴² (1965-1979) publicavam grandes caricaturistas e artistas do movimento espanhol “estampa popular”. *Araucaria* contava com a colaboração voluntária de uma centena de artistas plásticos chilenos – pintores, escultores, desenhistas, gravadores, fotógrafos –, tais como o pintor Roberto Matta. Assim,

em 1979, Pinochet mostrou a revista *Araucaria* na televisão para comprovar que os marxistas gozavam de muitos recursos materiais para alcançar seus objetivos perversos e perigosos. Segundo ele, deveriam ser gastos milhões para publicar uma revista tão luxuosa⁴³

quando, na realidade, a revista só empregava dois salarizados. *Cenit*, revista da Secretaria de cultura e de propaganda da CNT, “também tinha um acabamento cuidadoso, sobre papel brilhante, com belas ilustrações na primeira e última pági-

⁴¹ Cf. SARRÍA BUIL, Aránzazu. *Libre* (1971-1972), más allá del exilio español. *PILAR - Prensa, impresos, lectura en el mundo hispánico contemporáneo*: homenaje a Jean-François Botrel, Paris: PILAR, p. 475-488, 2005.

⁴² Seus editores são Ramon Bulnes, José Martínez e Jorge Semprún.

⁴³ CARIZ, Melina. *Araucaria de Chile*, p. 154.

nas e a capa colorida.”⁴⁴ Ao longo de mais de quarenta anos de existência, *Cémit* tratou de muitos temas literários, filosóficos, históricos, artísticos e científicos.⁴⁵

Cabe, por fim, citar os outros tipos de publicações, ainda mais marginais, porém, às vezes, muito características de determinadas comunidades. Os periódicos corporativistas ou profissionais parecem ter sido poucos, embora seja possível citar os poloneses (*Le Commerçant et L'Artisan Polonais*, que volta a sair em 1949), e os portugueses (*O Volante: órgão da associação dos taxistas originários de Portugal*, 1971). Por outro lado, no centro da imprensa associativa estão os incontáveis boletins de “cadetes”, “cossacos” e oficiais russos, geralmente ilustrados à mão. Existe uma tradição de publicações para os turistas estrangeiros nascida no século XIX e que encontraram uma extensão atual nos “city mag”. Entre eles, destacaram-se o *Paris Dayori* que, desde sua criação em 1974, dirigia-se aos turistas japoneses e trazia notícias parisienses sobre arte, moda ou espetáculos, e também o *Pariser Luft* (1981-1993) ou o *Scoparab* (1977-1983), em árabe.

É possível observar, por outro lado, o desaparecimento de algumas categorias que existiam antes dos anos 1930, como a imprensa feminina em língua estrangeira (fora da imprensa militante, e mesmo que ainda haja seções destinadas às mulheres nos jornais de assuntos gerais.). Da mesma maneira, só foram encontradas publicações isoladas relativas à imprensa especializada em medicina (*Hay Pouj: la médecine arménienne*, até 1969) ou à imprensa esportiva (o efêmero *Al-Fa'iz: international sports news*, 1985-1986).

Por meio desse panorama bastante rápido, esperamos ter despertado o interesse de pesquisadores por um período pouco estudado, porque “preso” entre a idade de ouro do entreguerras e o período atual, representante da ampliação da imprensa em línguas estrangeiras na internet. Ele confirma que esse tipo de publicação, aparentemente sempre em declínio, dá provas de uma notável resistência. Portanto, a contribuição das comunidades à vida cultural parisiense e, mais amplamente, francesa merece ser valorizada. De fato, ela

⁴⁴ DREYFUS-ARMAND, Geneviève. *L'exil des républicains espagnols en France*, p. 280.

⁴⁵ MAESTRE, Rafael; REVUELTA, Pedro. *Cémit*, una revista cultural del exilio libertario en Francia. In: SOLER Manuel Aznar (Org.). *Escritores, editoriales y revistas del exilio republicano de 1939*. Sevilla: Renacimiento, 2006, p. 951-958. Poderíamos mencionar também as revistas armênias *Andastan* (Campo, 1952-1969) e *Mitk yev Arvest* (desde 1976).

testemunha o dinamismo constante de uma cidade que continua sendo até hoje um lugar de encontros, contatos, mobilização, acolhida e criação. A imprensa em línguas estrangeiras constitui um setor econômico frágil, mas em constante renovação, que escapa à concentração de grandes grupos de imprensa, contribuindo, desse modo, para o pluralismo cultural e político, bem como para o prestígio da capital.